



FRAGMENTOS DE UMA CRÍTICA: REVISANDO A IBA DE BERLIM

LAÍS BRONSTEIN PASSARO

**TESE DOUTORAL APRESENTADA AO DEPARTAMENT DE COMPOSICIÓ ARQUITECTÒNICA
ESCOLA TÈCNICA SUPERIOR D'ARQUITECTURA
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA**

DIRETOR DE TESE: PROF. IGNASI DE SOLÀ-MORALES I RUBIÓ

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua tôda
Brilha, porque alta vive.*

(Fernando Pessoa, 1933)

Ao Prof. Ignasi de Solà-Morales, agradeço sinceramente os valiosos momentos em que pude usufruir de sua sabedoria. Sabedoria rara e indiscutível nos temas de arquitetura e sabedoria didática, sempre empregando a palavra precisa e traçando a crítica perfeita. Não lhe escapava nenhum tropeço dado na redação da tese, como se radiografasse o trabalho em busca do ótimo funcionamento de sua estrutura e articulações para a sustentação de todo um corpo teórico. Também sabedoria generosa, por estar constantemente disposto a ajudar, facilitando contatos e dedicando todo o tempo do mundo nos horários que me cabiam da sua agenda tão sobrecarregada. Certamente sabedoria de vida, por saber, como ninguém, instigar o conhecimento e ampliar nossos horizontes. Não me resta mais que agradecer por este trabalho ter sido alvo de seu raciocínio tão refinado, e de sua personalidade tão única.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Josep Maria Montaner, pela acolhida na ETSAB, pelo companheirismo ao longo do curso e pela orientação inicial nos temas desenvolvidos na tese.

Ao IBA-ARCHIV, em especial à Arquiteta Gudrun Hamacher, pela amabilidade e profissionalismo com que fui tratada durante minha estadia em Berlim.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - pela bolsa de estudos concedida.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial ao Professor Marcos Palatnik, pelo afastamento dado para a realização do curso de Doutorado.

À Claudia Pianta Costa Cabral, pelas inúmeras idéias trocadas e pelas mais variadas ajudas durante a redação desta tese.

À Juan Antonio Zamarripa, pelo valioso auxílio nos temas informáticos.

À Olga, Gerson, Luca e Gigi, que nunca negaram fogo.

À Paula e Andrés, porque sim.

INTRODUÇÃO

“**Fragmento**. *S.m.* 1. Cada um dos pedaços de uma coisa partida ou quebrada. 2. Parte de um todo; pedaço, fração. 3. Parte que resta de uma obra literária ou antiga, ou de qualquer preciosidade.”¹

A análise de qualquer episódio relacionado a história da arquitetura das últimas décadas requer um posicionamento crítico que à parte de promover uma apreciação minuciosa da órbita em que gravita o objeto de estudo, deve também estabelecer uma indagação acerca da própria estrutura do discurso em que este entendimento vai se desenvolver. Isto quer dizer que em se tratando de temas relacionados com a crítica ao Movimento Moderno, não apenas devemos estar atentos aos pontos mais consolidados desta discussão, que retirados de uma visão reducionista deste período nos servem como caminhos de entrada para nosso estudo, senão que principalmente devemos desviar-nos da classe de argumentação mais recorrente utilizada para a legitimação do discurso deste período anterior. Trata-se aqui de entender a teoria da arquitetura novamente como espaço crítico especulativo, um campo aberto à examinação que deve, sobretudo, partir de uma visão desprovida de preconceitos acerca do fenômeno estudado.

Isto implica em duas considerações. A primeira é que nos conduz a duvidar de qualquer explicação linear e aparentemente sem conflitos para os eventos relacionados a um período histórico que se apresenta como coeso. Em se tratando do Movimento Moderno, devemos aqui ver sob suspeita a historiografia mais consolidada deste momento, em que o argumento direciona-se para a prescrição de um conjunto de normas e modelos derivados de uma teoria visivelmente dogmática. Porém, por não se tratar de nosso objeto direto de estudo, não cabe aqui adentrar-nos em suas contradições. A segunda deriva da tomada de consciência que a insistência em conduzir qualquer teoria como instrumento legitimador de uma prática se torna estéril, na medida que em arquitetura, prática e teoria estarão sempre separadas pelo abismo imposto pela materialidade da obra, que à parte dos condicionantes técnicos, pode ser uma relação não tão transparente devido ao próprio salto subjetivo promovido por cada autor em determinada etapa do processo de projeto.

¹ BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. **Novo Aurélio. Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Que dizer então do momento em que se insere nosso objeto de estudo? Em se tratando do polêmico período chamado “pós-moderno”, resta-nos atestar a impossibilidade atual de pretender fechar questão sobre qualquer tema, sobretudo quando este se apresenta de antemão como um “pós”, desprovido de qualquer status científico que nos facilite uma primeira apreensão conceitual. Com este “pós” muitas atitudes podem ser sugeridas em relação ao antecessor a que este se remete, todas estas pertinentes a partir de seu próprio eixo de argumentação.

No nosso caso, o denominador comum é a crítica ao Movimento Moderno em certos aspectos pontuais de seu discurso e prática, denominador este que abre margem a um sem número de interpretações, posteriormente cristalizadas em teorias que apresentam-se distanciadas de uma relação causal imediata. Desta forma, nos parece mais adequado adentrar no estudo deste período através dos fragmentos desta crítica - como partes dispersas de um todo que não aspiram necessariamente a uma unidade - que possam ser mais diretamente relacionados ao episódio da IBA de Berlim. Como atitude resignada frente aos fatos, e sobretudo, como aceitação de uma mudança dos tempos.